

# O MINISTÉRIO ADVENTISTA



*“Deus pede que famílias cristãs vão para localidades que estão em trevas e erro, e trabalhem sábia e perseverantemente para o Mestre.”*

*– Serviço Cristão, p. 182*

# CIDADES

NOSSO avião hoje mudou de itinerário. Deveríamos estar agora assistindo a uma reunião com o Pastor Dower. Por razões técnicas, porém, o avião se deteve numa pequena cidade, onde só deveria ter feito uma breve escala por razões especiais.

Não é uma povoação muito grande; talvez não tenha mais do que uns 10 mil habitantes, mas há um excelente hotel, bons edifícios, uma bonita praça adornada com uma fonte iluminada com luzes coloridas, e uma formosa igreja. Fazendo um pequeno giro pela povoação entramos na catedral, vimos o sacerdote tocando o órgão enquanto os adoradores chegavam para o serviço religioso. Vimos pessoas sentadas nos bares, e muita gente indo e vindo pelas ruas.

Embora esta povoação esteja fora do território de nossa divisão, ela é um símbolo de milhares de outras onde o evangelho ainda não penetrou. A igreja adventista não está aqui representada nem mesmo por um único converso. Este outro dos desafios à tarefa de evangelização.

Os estudos estatísticos feitos com relação ao planejamento para a década puseram a descoberto alguns fatos surpreendentes. Por exemplo, na União Austral há mais de trezentas povoações com mais de cem habitantes onde a luz da mensagem não foi ainda acesa. No Brasil restam cento e oitenta e sete cidades com mais de dez mil habitantes, nas quais não há um só adventista. Só no Estado de Minas Gerais há quarenta e três delas, que representam um poderoso desafio para a igreja.

Como conseguiremos entrar em todos esses lugares com a verdade? Na primeira União mencionada, uma equipe de evangelização permanente levando a cabo duas grandes campanhas por ano, necessitaria de cento e cinquenta anos para alcançar a todas essas localidades. (...) Indubitavelmente o evangelismo público é um método maravilhoso, mas não é a solução total para o problema. Qual é então? Talvez o livro de Atos nos dê a chave que nos oriente: "Todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria". "Entrementes os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra". Atos 8:1, 4. Mais tarde os apóstolos chegaram com o evangelho a lugares mais distantes. Tomé foi para a Índia; Matias para a Etiópia; Simão Zelote foi para a Ásia

Menor, e Judas Tadeu para a Pérsia. Em virtude desta dispersão o evangelho chegou a cobrir todo o mundo conhecido, a ponto de no ano 300 haver, segundo Phillip Schaff, dez milhões de cristãos no Império Romano.\*

Ao considerar o tema nos escritos de Ellen G. White, ficamos surpreendidos ao ver quanto ela fala da necessidade de estabelecer a obra em cidades novas, partindo de uma simples célula: uma família ou um indivíduo com verdadeiro espírito missionário, que façam obra de pioneirismo por meio de um centro de pregação, uma Escola Sabatina Filial ou o evangelismo de testemunho e de contato.

Vejam alguns fatos destacados que surgem como conclusão desta análise.

1. No capítulo "O Movimento de Expansão da Igreja", pp. 178-185, lemos dessa idéia de emigração de famílias para regiões ainda virgens, como sistema-chave para o processo de expansão.

2. Comenta um fenômeno que denomina "aglomeração" nas igrejas (p. 183), e compara-o com as árvores ou plantas que crescem demasiado amontoadas e que por isto não prosperam. Os cristãos "aglomerados" em alguns casos talvez raquíticos, apesar de ter extraordinária capacidade, apóiam-se simplesmente nos demais. Há quem poderia estar ganhando almas mediante o uso de seus talentos, e no entanto apenas enchem a igreja. Se saíssem para regiões novas e aí dessem o seu testemunho, a igreja e eles mesmos prosperariam muitíssimo. "Transplantados" teriam lugar para crescer fortes e vigorosos.

3. Não se necessita de um tipo especial de pessoas para fazer este trabalho: "Que agricultores, financistas, construtores e os que são hábeis em várias artes e ofícios, vão para os campos negligenciados para melhorar a terra, estabelecer indústrias, preparar lares modestos para si mesmos e ajudar a seus vizinhos" (p. 182). Não há, portanto, limitações no que se relacione com a capacidade. O requisito indispensável não é cultura, nem posição social, mas uma atitude positivamente missionária.

Valeria a pena comentar brevemente alguns dos pontos mencionados. A aglomeração em algumas igrejas é um fato indiscutível. As razões para isto são basicamente duas: A falta de

# Ainda Não Evangelizadas

tempo e o interesse em fomentar as grandes congregações. Uma ligeira verificação das estatísticas da Divisão Sul-Americana nos mostra que enquanto se batizaram entre 1961 e 1972, 225.972 almas, aumentaram-se os templos e casas de culto equivalentes a 128.929 lugares. Ficou-nos portanto um deficit de 97.043 lugares, deficit que fomenta a aglomeração. A diferença entre batizados e o rendimento líquido deve-se em grande medida à falta de locais e a locais aglomerados. O que é batizado e não tem onde reunir-se ou o faz num templo incômodo, talvez assista esporadicamente aos cultos ou simplesmente não assiste, sendo candidato à apostasia.

Entendemos também por aglomeração as grandes concentrações de irmãos sob um mesmo teto, ou seja, as igrejas demasiado grandes. Sem dúvida é sábio ter igrejas grandes em pontos-chave das grandes cidades, mas cremos que mais sábio ainda é a construção de capelas menores em zonas periféricas ou em bairros populosos. Uma tendência perfeitamente explícita e tão antiga como a própria igreja é concentração de grandes grupos de crentes ao redor de um colégio, de um hospital, de uma casa publicadora, etc. Battle Creek chegou a ser tristemente célebre por esta razão, a ponto de dezenas de páginas de **Testemunhos** ou outras publicações serem dedicadas aos mais fervorosos chamados para saírem dali e se estabelecerem em outras áreas para irradiação da luz. Os incêndios ocorridos ali foram referidos pela Sra. White como manifestação do desagrado de Deus por tal concentração que era contrária às indicações expressas pelo Céu. Ao examinar o índice sob o título "Igreja de Battle Creek", encontramos as mais severas advertências já dadas pela irmã White a uma igreja. Por quê? Porque a concentração traz problemas muito sérios.

Que diríamos de algumas de nossas instituições hoje que talvez chegam a ser uma cópia de Battle Creek? Há aí talentos inativos, de cujo uso serão responsáveis no dia do juízo aos seus possuidores. Os cultos realizados em dois turnos nos sábados, com a igreja repleta de pregadores, e possíveis pregadores capacitados

que somente ouvem a mensagem quando poderiam estar distribuindo-a com outros, não é uma situação ideal. A esses vão também dirigidas as mensagens de convite para que se mudem para outros lugares e dediquem seus talentos ao testemunho pela verdade.

As concentrações além disto impedem o crescimento numérico dos crentes. Pensamos, por exemplo, numa cidade sul-americana que conhecemos bem. A cidade tem aproximadamente 800 mil habitantes. Temos ali apenas um templo com capacidade para 600 pessoas. Um irmão que venha, por exemplo, de qualquer dos bairros, e há muitos vivendo por ali, deverá viajar em ônibus repletos de meia hora a quarenta minutos, em momento em que o movimento de pessoas é maior. Temos estado a batizar uma média de setenta e cinco novos irmãos por ano nos últimos vinte anos, e o templo central depois de duas ampliações continua sendo o único da cidade. Que sucederia se abrissem novas frentes em zonas populosas, se se organizassem novas congregações e se conseguisse o estabelecimento de irmãos missionários como apoio dessas novas congregações? Que aconteceria se alguns irmãos das grandes cidades como Rio de Janeiro e Buenos Aires, ou de cidades menores, decidissem sair dessas cidades e se estabelecessem em áreas ainda obscuras para a mensagem? Quantas luzes novas não se acenderiam, e que expansão não experimentaria a igreja! As igrejas onde há aglomeração ficariam com espaço para abrigar novos crentes, enquanto que um decidido esforço dos que se constituíram em pioneiros e o apoio das organizações superiores dariam como fruto o surgimento de nova congregação e a construção de capela nova e representativa, que por sua vez logo se transformaria em mãe de outras congregações. Seria uma reação em cadeia. Quem poderia fazer este trabalho? Qualquer irmão com atividade de trabalho independente, que pudesse sem riscos mudar-se para novos lugares. Alguns campos poderiam entrar oficialmente no plano assim, com alguma espécie de compensação econômica a elementos provados, que possuam espírito missionário e não de aventura.

Pedro, ao escrever sua primeira carta aos "dispersos", chama-os "santos e amados de Deus". I S. Ped. 1:1. Eles eram os que haviam deixado Jerusalém por motivo da perseguição e que agora eram levedura em lugares distantes da Ásia, África e Europa. Deus havia operado por meio deles. Um plano organizado de evangelização é uma excelente ajuda na pregação, mas cremos que é apenas uma muleta quando falta o testemunho constante, fervente e vivo da igreja. Nem Cristo e nem a igreja apostólica tinham planos tão bem traçados e tão perfeitos como os nossos. Mas o seu progresso foi mais envolvente que o nosso porque tinham um povo que em sua grande maioria estava isento de profissionalismo e a quem o Espírito Santo havia impressionado com a urgência e a consciência do privilégio que significa pregar as boas-novas do reino. Phillip Schaff diz, falando do cristianismo apostólico, que "cada cristão contava a

(Continua na p. 22)

# A Semeadura do Evangelho —

**A** OBRA de semear não é fácil. O semeador tem de contar não somente com a ação dos elementos, mas também com inúmeros outros fatores favoráveis e desfavoráveis. Quando o Salvador retratou a obra do evangelho como de semeadura (S. Mat. 13:3-8), Ele estava a um só tempo advertindo e desafiando os obreiros, lembrando-lhes que sua tarefa não era um piquenique de fim-de-semana.

Qualquer que imagine o papel do obreiro como o de alguém assentado num trono de glória, com todos os olhos postos sobre ele, está sonhando acordado, sem dúvida alguma. Haverá, sim, tronos e coroas (Apoc. 5:10), mas somente após a colheita. Entrementes, haverá apenas o jugo e o arado (S. Mat. 11:29; S. Luc. 9:62).

### **Na Presença do Trabalho ou Envolvido no Trabalho?**

Há uma história jocosa sobre um indivíduo que estava para receber um certificado de honra ao mérito, por ter sido o único no trabalho que jamais saiu para tomar um cafezinho. Quando lhe perguntaram qual o segredo de sua capacidade em conduzir-se assim de modo tão incomum, ele respondeu candidamente: "Nunca tomo café, porque o café me mantém acordado". Moral da história: Uma pessoa pode estar presente ao trabalho, e não estar empenhada no trabalho. A prova do honesto trabalho de um obreiro não é bater o ponto ou fazer um relatório. É o fruto final, o resultado. O produto final revela se o obreiro trabalhou duro ou achou o trabalho duro.

### **O Joio do Inimigo**

Em todo trabalho do obreiro ele poderá contar com a presença do joio, figurativamente as

pressões sutis ou abertas a que ele está sujeito. O contato diário com os múltiplos problemas da vida comum alcançam a mente e os nervos. Afinal, o pastor também é feito de barro.

Em todo momento é imperioso que o ministro se acalme (Sal. 46:10), tenha tranqüilidade para observar o campo da semeadura, identificando o joio do inimigo, como:

*a. Popularidade.* Há o perigo de o ministro medir-se via *IBOP*. Há a tentação de subscrever a síndrome de Apolo, Pedro e Paulo (I Cor. 1:11). Elias é um típico exemplo disto. Primeiro ele subiu ao monte da consecução física e emocional, saboreando o doce néctar da vitória. Momentaneamente a multidão estava submissa do seu lado, exclamando: "Só o Senhor é Deus" (I Reis 18:39). A clara manifestação do poder de Deus e Sua glória em favor da causa de Elias, levou-o a deixar o seu espírito empolgar-se pela nuvem de êxtase religioso. Mas o peso da realidade humana começou logo a fazer-se sentir sobre sua alma, e o pobre pregador se viu presa do temor.

O obreiro deve lembrar-se sempre de que há diferentes tipos de solo, como se viu na parábola do semeador, dando como resultado diferentes tipos de colheita, ou de resultado. O mesmo ocorre com as pessoas, sendo que algumas são absolutamente inabordáveis.

*b. A Busca de Condições Perfeitas.* De quando em quando, os ministros, como outras pessoas, se entregam a algum devaneio. "Se eu tivesse um orçamento maior, uma congregação mais atilada, acomodações mais modernas; se eu tivesse o dom da oratória, ou uma personalidade imponente, haveria notoriedade no meu trabalho e eu realizaria mais coisas!"

Ora, uma vez mais a parábola nos ensina que

# UM DESAFIO

**Vicente Q. Tigno Jr.**

Pastor na Associação Sul da Califórnia



não existem condições perfeitas, e que “o que observa o vento nunca semeará”. Ecles. 11:4. O semeador deve pregar, semear a palavra “a tempo e fora de tempo”. II Tim. 4:2.

c. *A Destruição que Assola ao Meio-Dia.* Meio-dia é expressão simbólica de sucesso. “Ele alcançou o seu zênite, ou o meio-dia”, é forma comum de expressar-se. É ao meio-dia que o Sol alcança o máximo de sua força e distribui seu mais intenso brilho. O meio-dia é em tudo excelente, exceto quando ele se torna ocasião para destruição. (Ver Sal. 91:6.) A destruição vem quando o ministro sucumbe à ação da inércia mental e espiritual. É o ponto de junção em que o processo de crescimento encontra a imobilidade. Aí o pregador já não é mais olhado como alguém com “garra”, mas meramente caminha com lentidão, por assim dizer, quase que buscando apenas a sobrevivência, e os seus sermões são pesados, ou meramente retóricos, a igreja se vê numa atmosfera de complacência, a trombeta perde sua nota clara, e o pobre homem estagna em meio a “todo vento de doutrina” (Efés. 4:14).

Oxalá Deus permita que todo ministro desta causa adventista seja modelado segundo Moisés, que já na mais avançada idade, ainda tinha os olhos esclarecidos (Deut. 34:7). Que a graça do Senhor não permita que haja “destruição ao meio-dia”, reduzindo a estatura física e espiritual do obreiro.

d. *Impaciência, Fruto da Inexperiência.* A impaciência é peculiar a obreiros jovens. Ele

se impacienta pelo amanhã. Praxes são-lhe “espinhos na carne”. Reuniões de Comissão, ao seu ver, muitas vezes retardam o progresso. Como os servos na parábola, os jovens querem erradicar o joio imediatamente (S. Mat. 13:27, 28).

Devidamente canalizada e compreendida, esta jovem e vigorosa energia pode iluminar o mundo e pôr em marcha a maquinaria do progresso!

## A Boa Terra

É confortante lembrar que a parábola do semeador não termina com o terreno produzindo espinhos, nem a do joio conclui com o joio. Para cada “beira do caminho” e para cada “solo pedregoso” e para cada “solo espinhoso” há uma parte fértil de terreno, a qual produz “cem por um”. A boa semente na verdade não se perde nunca! No tempo da colheita haverá muito que colher.

Haverá ocasiões, entretanto, em que o céu se torna negro, e relâmpagos fuzilam e trovões ribombam, e o ministro esconde o rosto em desânimo. Momentos haverá em que ele será tentado a se perguntar se o trabalho vale o seu esforço. Mas quando de novo ele ergue a cabeça e vê que a claridade retornou, seus olhos contemplam o campo branco para a ceifa!

Afinal ele se recorda com santo gozo que “Paulo plantou, Apolo regou, mas Deus deu o crescimento”. I Cor. 3:6. ●

# Muito Bem, Voce é um Pregador — Amador ou Profissional?

**Paul Eldridge**

Presidente da Divisão do Extremo-Oriente

Um pregador é muitas coisas. Ele é conselheiro, professor, procurador de recursos financeiros, administrador de igreja, solucionador de problemas espirituais. Ele tem de ser um homem de integridade, de hábitos pessoais impecáveis, reputação ilibada, sociável e de total dedicação. Precisa sentir o chamado divino para o ministério e permanecer como instrumento de Deus para a salvação dos homens. “Para estas coisas, quem é idôneo?” II Cor. 2:16.

Esses requisitos demandam atuação sobre-humana. O pregador precisa ter uma linha direta ligada com o divino poder. Ele é, tem de ser, um homem de Deus.

Postos face a face com o solene desafio desta elevada vocação, algumas vezes esquecemos que o pregador é também uma figura de homem público — um profissional. O mundo supõe, a igreja espera, Deus exige que o pregador seja um competente executor quando está diante do povo. O senso do divino chamado inspira, a dotação natural ajuda, mas basicamente a capacidade de falar com sucesso tem de ser adquirida mediante cuidadoso estudo e diligente esforço.

A cada ministro adventista do sétimo dia apresentamos a pergunta quanto ao seu *status* como pregador: É um amador ou um profissional?

Historicamente, sentimos justificado orgulho de nossa origem humilde. Nossos pioneiros eram fazendeiros, operários, homens do mar — homens e mulheres fervorosos, sem dúvida, a maioria dos quais não possuía adequada educação. Eles aceitaram uma divina incumbência que líderes religiosos mais sofisticados nem mesmo ouviram. Então eles cresceram com sua mensagem, adquiriram competência profissional, até que muitos deles chegaram a brilhar como extraordinários luminares publicamente reconhecidos.

Ora, embora alguns possam considerar a igreja adventista uma bendita mixórdia, nós nos tornamos uma igreja amadurecida. Nossos jovens pregadores vêm dos seminários ou dos colégios com um bom lastro de educação, e com sólido fundamento em Teologia e História Eclesiástica. São versados em Psicologia e aconselhamento. Completaram cursos em organização de igrejas, Homilética e arte de falar em público. Ambos, eles e seu auditório em potencial têm um grau de sofisticação que nossa igreja não conheceu em seus primeiros anos.

Tornar-se-ão esses distintos ministros os pregadores notórios que temos o direito de esperar

**Postos face a face com o solene desafio desta elevada vocação, algumas vezes esquecemos que o pregador é também uma figura de homem público — um profissional.**

que se tornem? Poderá sê-lo. O potencial está aí. Mas isto não será o resultado automático de seu excelente preparo. Nem acontecerá meramente porque foi-lhes confiada a mais importante mensagem histórica. A excelência só virá ao homem que faz um consciente e determinado esforço — esforço que não termina senão quando sua carreira profissional termina.

O mundo dos esportes dá-nos uma vívida figura da diferença entre o amador e o profissional. Brilhantes atletas nacionais, tidos em média como os melhores da nação, muitas vezes enfrentam desilusão em massa quando se decidem tornar-se profissionais, porque os padrões de consecução são demasiado altos. Alguns jamais os alcançam.

Temos muitos oradores esplêndidos no ministério da igreja adventista do sétimo dia. Somos gratos por isto. Mas julgados por normas profissionais de eficácia no falar em público, temos também uma hoste de maus pregadores, de pregadores deficientes. A porcentagem de mediocridade é muito mais alta do que devia ser. Cada homem que aceita uma indicação para o ministério devia compreender que daí em diante espera-se que seja um profissional como pregador, não meramente um amador bem dotado.

Seja-me permitido sugerir três regras simples para a obtenção e manutenção desta norma:

1. *Conhecer e Praticar a Técnica Básica.* Isto inclui o problema físico da voz, da enunciação, postura, gestos. Igualmente importante são os fatores psicológicos de ênfase e apelo, bem como elementos mais sutis porém vitais, como vida, calor, respondência com o auditório.

Essa técnica de apresentação precisa ter substância com que operar — material cuidadosamente preparado. Isto envolve pesquisa, esboço lógico, composição literária, ilustrações eficientes.

2. *Procurar Análise Crítica de Sua Apresentação.* Como pregador você receberá muitos cumprimentos. Membros fiéis com lágrimas nos olhos lhe dirão quanto bem lhes fez o sermão. Visitantes poderão perguntar-lhe como pôde pregar exatamente o que eles estavam necessitando. Sua voz, o seu sorriso, suas interessantes ilustrações, poderão ser objeto de honrável menção.

Esses comentários são agradáveis e podem fazê-lo como que flutuar. Mas seja honesto. Eles não são a regra justa para medir a qualidade de sua pregação. E são praticamente sem nenhum valor quanto a promover o seu progresso.

Todo pregador necessita de cândida apreciação da parte de um observador qualificado. Algumas vezes a esposa é a pessoa indicada. Mas ela poderá ser muito carinhosa e amável para fazer uma crítica justa e impessoal, ou o pregador pode sentir-se melindrado com suas observações ou sugestões. Uma terceira pessoa, descomprometida, é mais eficaz. O melhor auxílio seria um experiente professor de arte de falar em público, que poderia ser contratado pelo ministro como instrutor profissional.

Uma coisa, pelo menos, o pregador poderia fazer: gravar os seus sermões e mais tarde estudá-los pessoalmente com cuidado.

3. *Esforce-se por Alcançar o Máximo Sempre que Estiver Diante de um Auditório para Falar.* O sermão é o coração do papel que o pregador desempenha. É aqui que ele faz o máximo de seu ministério público. Está entre suas principais atividades. Isto requer todo cuidado de sua parte em manter a mais elevada e coerente norma. É relativamente fácil sentir a importância de um sermão de formatura ou de um convite para pregar. Como verdadeiro "profissional", você não se permitirá qualquer mediocre apresentação.

As cerimônias requerem cuidado especial. Casamentos, funerais, batismos, Santa Ceia, tudo pede dignidade e decoro.

E quando se trata de coisas como a apresentação do Informativo Mundial das Missões (às vezes na forma de uma história missionária), reuniões de oração e palestras em cultos comuns? E os anúncios na igreja? Tudo isto, também, exige uma norma de excelência, uma norma que você reclamará de você mesmo, toda vez que tiver de apresentar-se em público.

Atores, conferencistas, apresentadores em Rádio e TV, dependem da norma de sua apresentação em sua vida profissional. Dez anos no ministério do Rádio deram-me a oportunidade de verificar em primeira mão como essas pessoas trabalham. O esforço concentrado que despense para aperfeiçoar sua técnica faz que se envergonhem os nossos pregadores em média. Eles sabem que a excelência, o máximo, é essencial para sua sobrevivência.

Mas como se compararia sua mensagem com a nossa? Nós somos mediadores entre Deus e o mundo condenado. Oferecemos aos homens a única esperança que há. Este anúncio divino merece a mais eficaz veiculação possível.



**Nota da Redação: —**  
Embora o presente artigo  
haja sido escrito há qua-  
se duas décadas, a atuali-  
dade dos seus conceitos  
nos aconselha reproduzi-  
lo neste número.

# PERSISTIR EVANGELIZANDO APÓS O BATISMO

**Telma Flattum**

Ex-Instrutora Bíblica da União Oeste-Indiana

**S**E estamos de fato preparando almas para o reino e não meramente procurando relatar batismos, o cuidado pelo indivíduo não cessará após haver ele sido recebido na igreja. Os obreiros deverão ter o máximo de zelo no ajudar as almas que tomaram posição ao lado do Senhor, lembrando que foi após Seu batismo que Cristo foi levado ao deserto para ser tentado, e que para muitas dessas almas a maior batalha surge após o batismo.

Quando uma série de conferências está em prossecução o interessado está sempre em contato com a mensagem e seus representantes pessoais, e noite após noite sua alma freme pelas mensagens maravilhosas que ouve. Formando amizade com o grupo evangelístico que o visita sempre e o ajuda em seus problemas, o entusiasmo do momento poderá levá-lo longe.

Chega porém ao fim a série de conferências.

A pessoa foi batizada e é então membro da igreja. Muitas vezes é deixada a prosseguir sob a influência das reuniões evangelísticas agora no passado, e espera-se que a inspiração de sua experiência batismal a mantenha no caminho que iniciou. Mas nada perdura muito pelo próprio impulso. O ciclista pode pedalar até desenvolver grande velocidade e deixar então que as rodas o levem, mas logo a velocidade começa a diminuir até que finalmente param. De igual forma não se pode esperar que um novo converso prossiga em sua experiência cristã apenas pela boa ajuda que lhe dermos no início. Quando começam os morros e rampas, o ciclista necessita imprimir novo impulso, e quando surgem as montanhas de dificuldades e provas, o novo converso necessita de adicional ajuda para prosseguir.

Há na velha vida certos hábitos que poderão

ter sido formados através dos anos. Há também certas relações de idéias que por muito tempo tem estado associadas. Tudo isso precisa ser mudado, e novas associações e relações devem ser formadas para lhes tomar o lugar. Consideremos uma pessoa que tenha formado o hábito de ir ao cinema todas as noites de sábado. Para ele, cada noite de sábado sugere aquela lembrança. Esta relação de idéia pode ter sido formada através de anos de prática. O converso por certo abandonou isto sinceramente quando se batizou. Sem dúvida tomou a decisão de jamais voltar a freqüentar o cinema. Isto contudo não muda o fato de que ao vir a noite de sábado o velho hábito de tanto tempo inconscientemente se manifeste. Fica um vácuo na vida quando esses velhos hábitos são expulsos, e no estranho vazio que disso resulta, o novo converso pode, num momento de fraqueza, reverter ao velho hábito arraigado. Durante este período é que se torna necessária a paciente atenção do ministro, primeiro para guardar o converso de render-se à tentação, ou, se ele fraquejou, ajudá-lo a vencer da próxima vez.

Se o obreiro se aproxima bastante do indivíduo, terá aprendido em muitos pontos como sua mente trabalha. Conhece os pontos perigosos em que o converso está sujeito a enfrentar suas maiores provas, e estará apto para fazer provisão para enfrentar esses perigos antes que eles surjam. Se a medicina preventiva é útil para a saúde do corpo, deve ser igualmente boa para os problemas da mente e da alma.

Uma igreja pode satisfazer às necessidades deste período de transição na vida dos novos conversos, procurando descobrir quando os impulsos de sua velha vida são mais fortes, e então providenciar para eles outros interesses para essas ocasiões.

## Os Problemas do Tentado

Um homem que abandonou uma carreira de negócio bem promissora para tornar-se um dos obreiros mais em evidência na organização adventista, diz que um dos fatores que mais concorreram para mantê-lo firme na verdade nos primeiros dias de sua experiência cristã foi que à noite, após o seu batismo, o obreiro que fora o instrumento para levar-lhe a mensagem, o visitou com uns poucos amigos, e de tempos a tempos, depois disto, se detinha para levar encorajamento ao novo converso, conforme sentisse que fosse necessário.

Certo homem havia abandonado o fumo; não

estava fumando havia várias semanas. Foi então batizado. Tudo correu bem durante certo tempo. Então este homem, o único membro da família que professava uma religião, envolveu-se numa terrível questão de família. Em seu desânimo ele instintivamente voltou ao que lhe fora antes a fonte única de consolo — o cigarro.

Com efeito, antes do batismo o converso foi amplamente instruído sobre o poder de Cristo para salvá-lo, ensinando-se-lhe que não se deve render à tentação. Devem os obreiros reconhecer que a tentação virá, e que os infantes na fé estão sujeitos a cair. Assim o perigo pode não ser tanto um determinado pecado que tenha sido cometido, mas o fato de que esse pecado pode levar a outros. Tudo pode começar com um ato insignificante como a perda da calma. Em seu estado de alma a pessoa lança mão de um cigarro, como no passado. Isso o faz sentir-se pior. Então procura um cinema para desanuviar das preocupações a mente. Nesta altura poderá raciocinar: "Não adianta tentar ser cristão. Já fui demasiado longe. Quebrei o voto batismal. É melhor abandonar tudo". Tudo isto pode acontecer no espaço de poucos dias, ou mesmo um. Aqui está onde o trabalho ativo e zeloso do obreiro é necessário, pois quanto mais longe for uma pessoa na apostasia, mais difícil será reconquistá-la. O novo converso necessita do auxílio de um amigo nas primeiras semanas após seu batismo.

Às vezes o obreiro descuida deste ponto, e, sob a pressão de outras obrigações cessa seus esforços.

Consideremos o ministério de Paulo. Trabalhou ele em Corinto ano e meio — tempo bastante, diríamos, para estabelecer firmemente na fé os conversos. Depois viajou. Que aconteceu, então, na igreja de Corinto? Dificilmente se poderá nomear um pecado de que se não tivessem tornado culpados os crentes coríntios. E aos gálatas, escreveu Paulo: "Maravilho-me de que tão depressa passeis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho". Gál. 1:6.

De que maneira entrou Paulo em relação com essas coisas? Verificamos que fez alguma coisa em relação a eles, e na devida oportunidade. Não tivesse Paulo sido evangelista cuidadoso do bem-estar espiritual dos crentes, e nunca teríamos as epístolas do Novo Testamento. Elas foram um dos meios por que Paulo se mantinha em contato com os conversos. Notamos que o apóstolo conhecia a confissão espiritual dos crentes. Sabia onde reprovar, bem como onde louvá-los

por seu progresso. O cuidado dos conversos nem sempre quer dizer censurar o mal. Lemos do ministério de Cristo:

“Muitas vezes Jesus encontrava pessoas que haviam caído no poder de Satanás, e que não tinham forças para romper os laços. A essas criaturas, desanimadas, doentes, tentadas, caídas, costumava dirigir palavras da mais terna piedade, palavras adequadas e que podiam ser compreendidas. Outros se Lhe deparavam que estavam empenhados numa luta renhida com o adversário das almas. A esses Ele animava a perseverar, assegurando-lhes que haviam de triunfar, pois anjos de Deus se achavam a seu lado e lhes dariam a vitória”. — *Ciência do Bom Viver*, p. 20.

Seguir o exemplo de Cristo no ministério significa estudar os conversos como o médico estuda seu doente. O trabalho pelas almas é chamado a “ciência da salvação”. Não é trabalho fortuito. É saber o que dizer, quando dizer ou deixar de dizer. Muitas vezes o ouvir com simpatia é o melhor auxílio que podemos prestar.

Podemos não sentir a pressão em que muitas dessas pessoas estejam vivendo, ou a força da oposição que continuamente experimentam da parte de parentes, amigos ou antigas relações. Ter alguém de quem buscar uma palavra de animação pode significar a permanência de uma alma na verdade ou sua derrota.

## Apascentar os Novos Conversos

Paulo visitava suas igrejas muitas vezes para “ordenar” as coisas que necessitavam de atenção. Quantas vezes as pessoas expressam sua satisfação pelas visitas do obreiro quando ele as está conduzindo ao conhecimento da verdade, com esta declaração: “Nosso próprio pastor não toma tanto interesse em nós”. Se as pessoas apreciam essas visitas antes de se tornarem membros da igreja, quanto mais não as apreciarão depois do batismo! Muitas vezes, porém, as visitas cessam neste ponto. O novo crente fica perplexo, e não raro se lhe ouve dizer: “Agora que me levaram para a igreja, não mais se interessam por mim”.

Na verdade um obreiro não pode despendar com a pessoa batizada o mesmo tempo que antes, e é nisso que o obreiro necessita de tato para ajudar o novo converso a ajustar-se a fim de

permanecer firme por seus próprios pés e não esperar tanto auxílio da parte de outros. “A todos os que são acrescentados às fileiras pela conversão é designado o seu posto de dever”. — *Serviço Cristão*, p. 74.

O novo converso deve ser encorajado a tomar parte nas atividades da Escola Sabatina e dos Missionários Voluntários. Deve-se-lhe fazer sentir a responsabilidade que sobre ele pesa de ajudar a levar a obra da igreja, e que a igreja não existe para seu único benefício, mas para levar o evangelho ao mundo, e que lhe cabe participar de suas atividades. Isto lhe desviará atenção de si mesmo para mais largos horizontes, e ele não terá tempo de afligir-se quanto a se está ou não obtendo sua parte no que pensa que deva ser feito por ele, ou interrogar-se por que o obreiro não o visita mais vezes.

Há um acréscimo ao incentivo para ser fiel aos princípios que aprendeu, pois embora esteja sujeito a entregar-se ao desânimo, dizendo: “Que adianta?”, quando sente responsabilidade de ajudar alguém, pensará duas vezes antes de retornar a seus velhos caminhos.

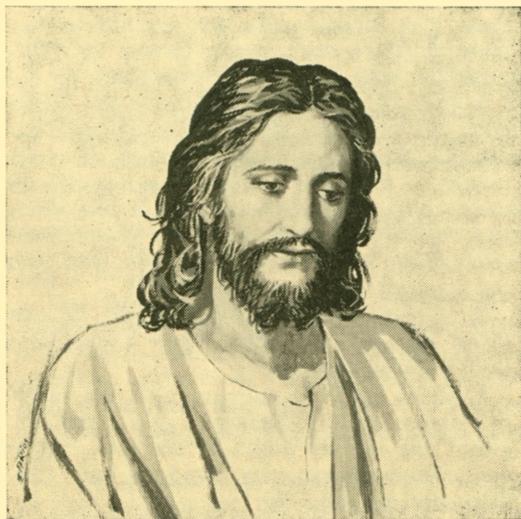
Por isso devem os novos conversos ser animados a procurar alguém em sua própria casa ou entre os vizinhos, com os quais repartir fé. Em geral isto não é difícil, pois nesta altura de sua experiência ele vibra de entusiasmo e está ansioso por trabalhar com outros. Então é o tempo de capitalizar sobre esse entusiasmo, fazendo-lhe compreender a alegria de levar alguém a Cristo. Por que não se lhe há de dar uma parte no que será para ele uma fonte de felicidade no reino de Deus por toda a eternidade? Falar da verdade e ensiná-la a outros é confirmá-la em nossa própria mente.

É muito oportuno dirigir uma classe de estudos bíblicos para os novos conversos. O obreiro poderá ocasionalmente levar consigo para seus estudos um novo crente, principalmente se os estudos são para amigos do converso. Desta maneira fica o obreiro livre de despendar horas trabalhando com batizados, ficando com o tempo livre para os interessados.

Nossa obra até a vinda do Senhor é ensinar e confirmar os crentes. Vamos pois trabalhar fielmente por nossos conversos, tomando por alvo as palavras do apóstolo: “Para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo”. ●

W. E. Read

Secretário de Campo da Associação Geral



“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”.  
S. João 1:1.

# A PALAVRA DE DEUS

**A**SSIM escreveu o discípulo amado, depois de haver-se convencido de que Jesus de Nazaré era o Messias prometido pelos antigos profetas nas Sagradas Escrituras.

Por muitos anos tem sido considerado que João recebeu este conceito da Palavra grega (logos) de Filo, o judeu. Este tem sido o ensino em universidades e seminários, e tem sido aceito, quase sem objeção, em todo o mundo.

Neste artigo consideraremos os seguintes pontos quesitos:

1. Obteve o apóstolo esta convicção do preeminente autor judeu, Filo?

2. Temos algum dado digno de confiança de que Filo tenha sequer conhecido a Jesus e Seus apóstolos?

3. Necessitava João realmente dos ensinamentos de Filo, ou havia algo em sua formação hebraica que fosse mais do que digno de confiança?

Primeiro, observemos o que as Escrituras nos dizem sobre a expressão “a palavra de Deus”.

Em nossa compreensão generalizada do termo

consideramo-lo como aplicando-se às Santas Escrituras. Isto é certo, mas o termo "palavra de Deus" muito raramente se aplica ao Sagrado Registro em sua forma escrita. O fato é que o termo tem um vasto número de significados, como se pode ver em diferentes textos bíblicos.

● Foi aplicado à mensagem divina dada por Deus a Seus servos os profetas: "A palavra do Senhor veio a mim, dizendo". (...) (Jer. 1:4; ver também Ezeq. 1:3, etc.)

● Foi aplicado à mensagem evangélica de Jesus e a ressurreição, que os primeiros apóstolos pregavam.

● Foi aplicado muito raramente aos Escritos Sagrados: "Anunciavam a palavra de Deus na sinagoga judaica". Ato 13:5. (Ver também os versos 14, 15).

Dessas referências podemos concluir, e corretamente, que as mensagens que vieram aos antigos profetas em visão foram mais tarde incorporadas no cânon das Sagradas Escrituras. Daí por que este registro escriturístico constitui a Palavra de Deus. Devemos ter em mente, entretanto, que o que os apóstolos pregavam sobre Jesus, o Messias, era definitivamente baseado no registro escrito, no texto sagrado. Conseqüentemente podemos compreender que tanto o Velho como o Novo Testamentos, com o registro escrito das mensagens de Jesus e Seus apóstolos, constituem a Palavra de Deus. Mas há ainda outro aspecto importante e vital desta singular expressão. Como mencionado acima, o Espírito Santo apresenta a verdade de que a "palavra de Deus" se centraliza também na Pessoa de Jesus Cristo. João expressa isto não apenas em seu evangelho, mas também em sua primeira epístola ("a palavra da vida", I S. João 1:1), e no Apocalipse (Apoc. 19:13). Em face disto, temos a aplicação dupla do termo "palavra de Deus".

Isto deve ter sido uma eletrizante revelação para o grupo primitivo de homens a quem Jesus chamou para serem Seus coobreiros. Levou algum tempo até compreenderem que Jesus de Nazaré era na verdade o prometido Messias. E foi preciso a revelação de Sua ressurreição para convencê-los de que Ele era a Palavra de Deus.

Todavia foram "tardos de coração" para compreender o que os profetas haviam falado (S. Luc. 24:25). Foi preciso outra revelação do Céu — o batismo do Espírito Santo — para que se convencessem plenamente, e então vemo-

los cheios de zelo santo, e indo "por toda parte pregando a palavra". Ato 8:4.

Vamos agora aos três quesitos.

1. *Obteve o apóstolo sua convicção por intermédio do eminente escritor judeu, Filo?*

Filo foi contemporâneo de Jesus e dos apóstolos. Este filósofo judeu nasceu entre os anos 20 e 10 AC, e morreu cerca do ano 50 AD, e assim sua vida cobre um período maior do que a de Jesus, e mesmo de alguns apóstolos. Entretanto, há um fator de muita importância que deve ser levado em conta: os meios de comunicação — viagens e outros. Jerusalém não era muito distante de Alexandria, onde Filo viveu, mas o modo comum de viagem era provavelmente o camelo, mula ou por água. Este fator pode nos conduzir ao segundo quesito:

2. *Temos quaisquer dados dignos de confiança de que Filo tenha sequer conhecido a Jesus e Seus apóstolos?*

Vejamos que Filo ensinava. Ele era judeu, mas grandemente influenciado pelo anosticismo grego. Ele cria no Logos, a "Palavra", mas os que cuidadosamente têm estudado suas obras dizem-nos que para ele:

*A razão verdadeira era o Logos. Isto ele não personificou, mas visivelmente reconhecia-a como sendo o Espírito que, imanente no Messias, falava-o divino mensageiro de Deus. Filo jamais vinculou as idéias do Logos e do Messias a uma Pessoa divina, como João tão ousadamente fez (S. João 1:1-3, 14).*

*Conquanto a doutrina platoniana do valor supremo do espiritual já houvesse sido antecipada na Ásia, e promulgada na Grécia, ela não alcança a altura da verdade plena como vista nos ensinamentos de Jesus.*<sup>2</sup>

Filo tinha um método peculiar de interpretar o Velho Testamento, sendo também notórias suas especulações filosóficas sobre o Antigo Volume.<sup>3</sup>

Obviamente Filo escreveu sobre o Logos (a "palavra") e também sobre o "Messias". Com efeito, em certos lugares ele parece equiparar o Logos com o Messias. Mas há uma insegurança no que ele escreve. Às vezes ele fala do Logos como razão, e outras vezes, de modo bem definido, refere-se a ele como se fosse uma pessoa.

Conquanto seja assim, há uma grande dúvida quanto a ter ele ouvido de Jesus e Seus discípulos, embora tivesse vivido na mesma época. O tradutor de suas obras para o inglês, escreve na introdução ao volume um:

*O curso de sua existência cobre o de Jesus Cristo, de João Batista e grande parte da do apóstolo*

Paulo. Não há qualquer indicação positiva de que ele tenha conhecido alguma coisa da vida deles ou de seu trabalho.<sup>4</sup>

Outro preeminente autor faz notar:

Não obstante Filo permanece como um dos marcos na história da religião. Sua carreira se situa nos limites entre o velho mundo e o novo. Nascido não muito mais tarde que o ano 20 A.C., como é provável, e tendo falecido pouco depois do ano 41 A.D., provavelmente não até a quinta década de nossa era, ele foi contemporâneo de Jesus e de Paulo. Estes fatos sozinhos adquirem significado para os estudantes do cristianismo primitivo. Sobre a natureza dessa significação devemos demorarmos brevemente.

Desnecessário é dizer, não há qualquer traço de familiarização de sua parte com Jesus Cristo ou os apóstolos. Não podemos dizer se ele teve contato com a fé cristã.<sup>5</sup>

Isto indica que seja o que for que ele tenha escrito sobre a "palavra" — o Logos como sendo o Messias — não tinha provavelmente qualquer referência a Jesus de Nazaré. Segue-se, pois, que, se ele nada sabia sobre Jesus e Seu grupo apostólico, estes provavelmente nada sabiam sobre Filo.

3. Necessitava João realmente dos ensinamentos de Filo, ou havia algo em sua formação hebraica que fosse mais do que digno de confiança?

Os hebreus não eram ignorantes de sua antiga literatura. Eles possuíam os targuns, datando oralmente do tempo de Esdras e Neemias. Esses targuns estão em aramaico, língua afim do hebreu, e são qualquer coisa como uma parábola. Embora não sejam uma tradução, eles explicam o que os judeus entendiam como tendo em mente os profetas e outros em sua compreensão das antigas Escrituras. O quadro da página seguinte ilustra isto.

Não vemos esses conceitos refletidos no Novo Testamento em textos como S. João 1:1, 3; Rom. 11:36; I Cor. 8:6; Col. 1:16; Efés. 3:9?

Estão aí envolvidas tanto a obra da criação como da manutenção. Sendo criadas, e sendo-o para servir ao propósito divino, elas devem ser sustentadas, mantidas unidas. Assim lemos:

"NEle tudo subsiste". Col. 1:17.

Não admira que J. W. Etheridge, na introdução<sup>6</sup> a sua obra escreveu concernente a *Menra Word*:

A frase em questão só é usada para expressar a presença e a instrumentalidade de uma Pessoa real.<sup>7</sup>

Esta nomenclatura é empregada nos targuns como uma prova de relação para com o Onipotente, de modo a traduzi-la em muitos casos como sinônimo da Natureza Divina em Si.<sup>8</sup>

A visível manifestação da presença divina, conhecida em hebraico pelo nome de Shequiná, não

é com muita freqüência identificada nos targuns com a *Menra*.<sup>9</sup>

No Novo Testamento, onde, juntamente com cerca de trinta aspectos de significado, há um em que Λόγος Τοῦ Θεοῦ resplende como um título daquele que no início estava com Deus, que era Deus, e por quem todas as coisas foram feitas; assim nos targuns.<sup>10</sup>

Assim, repetimos, os primeiros discípulos, quando convencidos de que Jesus era o Messias, não tiveram dificuldade em aplicar o que havia sido ensinado anos antes de seu tempo, que o Messias Jesus era sem dúvida em verdade a Palavra de Deus, por quem todas as coisas foram criadas, e Esse é que é o nosso Salvador. Que mensagem fremente para ser proclamada ao mundo!

À luz desses registros dos dias antigos, podemos talvez apreciar melhor o seguinte conselho do Espírito de Profecia:

Cristo, o Verbo, o Unigênito de Deus, era um com o eterno Pai — um na natureza, no caráter e no propósito — e o único Ser em todo o Universo que poderia entrar nos conselhos e propósitos de Deus. (...) Para com Cristo, como para com o Pai, todo o Céu mantinha lealdade.<sup>11</sup>

Mediante Cristo, a Palavra, um Deus pessoal criou o homem.<sup>12</sup>

Tomou Ele sobre Si a humanidade. Para assombro das hostes celestes, veio o Verbo eterno a este mundo como impotente nenê. (...) "O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós". S. João 1:14.<sup>13</sup>

A Palavra existiu como ser divino, a saber, o eterno Filho de Deus, em união e unidade com Seu Pai. Desde a eternidade era Ele o Mediador do concerto. (...) Antes de serem criados homens ou anjos, a Palavra [ou Verbo] estava com Deus, e era Deus. (...) Cristo era Deus essencialmente, e no mais alto sentido. Estava Ele com Deus desde toda a eternidade. Deus sobre todos, bendito para todo o sempre.<sup>14</sup>

1. 5BC, p. 94.

2. William Fairweather, *Jesus and the Greeks*, 1924.

3. Alfred Edersheim, *Life and Times of Jesus the Messiah*, p. 663.

4. Philo, *Introduction*, em Loeb Classical Library, Vol. 1, pp. IX, X.

5. H. A. A. Kennedy, *Philo's Contribution to Religion*, pp. 6, 7.

6. J. W. Etheridge, *The Targums*, Nova Iorque, 1968.

7. Etheridge, *The Targums*, p. 16.

8. *Id.*, p. 15.

9. *Id.*, p. 17.

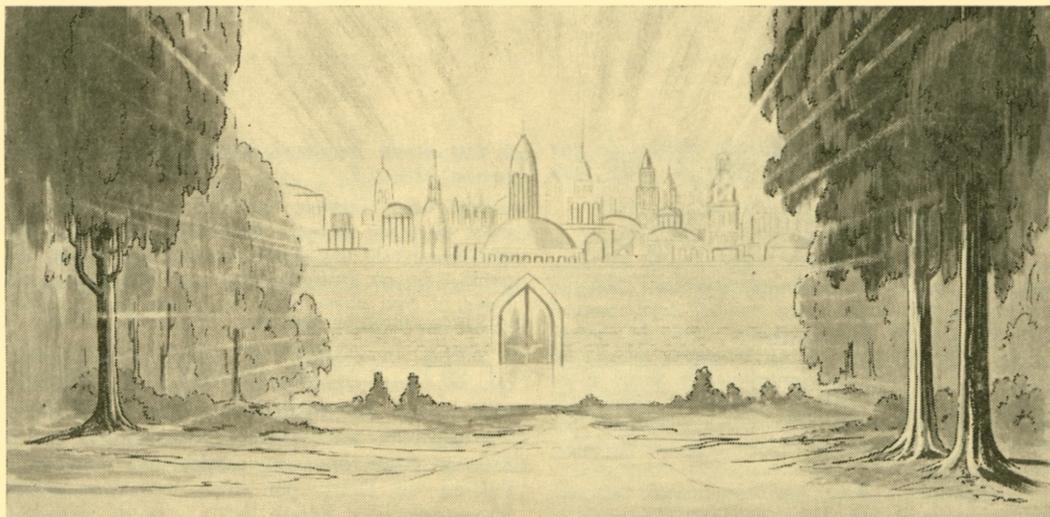
10. *Id.*, p. 15.

11. Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, p. 534.

12. *Ciência do Bom Viver*, p. 415.

13. *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 233.

14. *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 247.



# UM ESTUDO DAS PROFECIAS RELATIVAS AO FIM - II

**Carlos D. Perrone**

Redator na Casa Editora Sudamericana



## Jerusalém, Morada de Deus com Seu Povo

**Q**UANDO o homem foi criado, a Terra toda estava sob a influência do Espírito Santo, e o homem, coroa da criação, havia sido designado como seu administrador. A presença de Deus em todo o esplendor de Sua glória era manifesta em cada rincão da flamante Natureza. A Terra não tinha, ao sair das mãos do Criador, a mínima mancha de pecado, nem vestígio algum de corrupção. Somente junto à árvore da ciência do bem e do mal poderia Satanás procurar enganar o par feliz. A desobediência do homem, porém, inverteu o quadro. Por usurpação o grande inimigo veio a ser “o príncipe deste mundo” (S. João 12:31; 14:30; 16:11), e os filhos de Deus, seus legítimos possuidores, tiveram de viver como “estrangeiros e peregrinos na Terra” (Heb. 11:13).

Daí para cá a presença do Espírito de Deus continuou Se manifestando em Seus filhos fiéis, mas sem um lugar especialmente santificado na Terra. Só com Abraão começa a distinguir-se a terra de Canaã como futura morada de Deus com Seu povo, e dentro dela certos fatos vão distinguindo Jerusalém como cidade especial.

O nome mais antigo de Jerusalém foi “Salém”, que significa paz. Em Gên. 14:18-20 é nos dito que Abraão deu o dízimo de tudo que possuía a Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus altíssimo. Ali foi o patriarca enviado para que sacrificasse a Isaque (Gên. 22:2), e nesse mesmo lugar foram-lhe confirmadas as promessas. Anos mais tarde, estando em Betel — uns 19 quilômetros distante de Jerusalém — Jacó viu em sonhos uma escada cujo topo chegava até o Céu, e pela qual subiam e desciam os anjos de Deus (Ver Gên. 28:12), e cuja base descansava no Monte Moriá, segundo nos informa a mensageira do Senhor em *O Conflito dos Séculos*, p. 21.

Séculos mais tarde, quando o povo de Israel é tirado por Deus com mão firme do Egito, Moisés anuncia ao povo que naquela terra que vão possuir Deus escolherá um sítio dentre todas as tribos de Israel, onde estabelecerá o Seu tabernáculo, e à qual deverá acudir todo israelita,

a fim de apresentar suas ofertas e holocaustos (Ver Deut. 12:5, 11, 18, 21, 26; 14:23-26; 16:2, 7, 15, 16; 26:2). Mas não encontramos nos primeiros séculos da ocupação de Canaã indicação de que Deus escolhesse lugar algum. Ao contrário, notamos que o tabernáculo é levado de um lugar para outro, e há épocas em que não se pode precisar com segurança onde foi posto.

Antes da conquista, o tabernáculo de Deus esteve com o povo em Gilgal (Josué 4:19; 10:43). Em seguida, quando a terra foi subjugada, o estabeleceram em Silo (Josué 18:1). Dali levaram a arca temerariamente para Ebenezer, com a presunção de que desse modo Deus os ajudaria contra os filisteus, mas foram derrotados (I Sam. cap. 4), e a arca de Deus ficou em mãos do inimigo, para não mais retornar a Silo. O que aí sucedeu seria destinado a uma lição para Israel e uma advertência ao povo pelos escritores futuros (Jer. 7:12-14; 26:6; Sal. 78:60).

Depois disto a arca esteve vinte anos em Quriate Jearim, na casa de Aminadabe (I Sam. 7:1, 2). Apesar das instruções de que a adoração fosse num santuário único, Samuel edifica um altar em Ramá, onde morava (I Sam. 7:17). Por esse tempo costumavam sacrificar em lugares altos (cap. 9:12), e ofereciam-se sacrifícios em Gilgal (cap. 10:8; 11:14, 15).

Quando Davi fugia de Saul, chegou a Nobe, onde o sacerdote Aimeleque lhe deu dos pães da proposição, o que indica que o tabernáculo estava ali por esse tempo. Nobe era uma povoação pequena, vizinha de Jerusalém, que até então permanecia em poder dos jebuseus. Mais tarde Davi, depois de haver tomado a fortaleza de Sião (I Crôn. 11:4-9), quer trazer a arca e vai buscá-la em Quiriate-Jearim, mas em virtude do incidente com Uza, a arca foi deixada em casa de Obede-Edom, geteo. Daí foi finalmente levada com grande júbilo para Jerusalém, por Davi e uma multidão que o acompanhava. (II Sam. 6.)

O Senhor viu com bons olhos o desejo de Davi de que a arca não mais ficasse perambulando daqui para ali, coberta com cortinas, enquanto ele morava numa casa de cedro. Mas não seria ele o edificador de uma casa para a

arca de Deus, e sim seu filho. Mas foi-lhe concedido preparar os planos e o material necessário para a obra.

Mas Jeová ainda não havia designado o lugar de sua habitação, conforme a promessa feita a Moisés, mas até então o tabernáculo havia sido mudado de um lugar para outro, conforme parecesse bem ao povo. Essa designação veio por ocasião do pecado de Davi ao mandar fazer o recenseamento do povo. Quando o anjo exterminador chegou a Jerusalém, depois de haver destruído setenta mil homens desde Dã até Berseba, preparava-se para destruir a cidade, mas Jeová lhe deu ordem de parar, e indicou a Davi que oferecesse holocaustos na eira de Araúna, o jebuseu, depois do que cessou a praga em Israel. Diz o texto sagrado que Davi ofereceu ali holocaustos a Jeová, e invocou o nome de Jeová, ou o Senhor, o qual "lhe respondeu por fogo desde o Céu sobre o altar do holocausto". E continua o texto sagrado, que "vendo Davi que Jeová lhe dera ouvidos na eira de Ornã, o jebuseu, ofereceu sacrifícios ali. E o tabernáculo de Jeová que Moisés havia feito no deserto, e o altar do holocausto, estavam então no lugar alto de Gibeão". Davi não quis ir a esse lugar para consultar a Deus, diz o texto, porque estava atemorizado por causa da espada do anjo do Senhor. Então disse Davi: "Aqui estará a casa do Senhor Deus, e aqui o altar de holocausto para Israel" (I Crôn. 21:26, 28-30; 22:1). Anos mais tarde Salomão "começou a edificar a casa do Senhor em Jerusalém, no monte Moriá, que havia sido mostrado a Davi seu pai, no lugar que Davi havia preparado na eira de Ornã jebuseu" (II Crôn. 3:1).

Começam então com Davi os cânticos de exaltação a Jerusalém e as expressões de profundo amor da parte de Deus para com a cidade amada. Davi deve ter escrito por fé, porquanto em seus dias ainda não havia sido erigido o templo de Jerusalém no monte Moriá. Contudo suas palavras transpiram segurança e certeza de quem tinha visto tais maravilhas com os seus próprios olhos. (Lede: Sal. 9:11; 20:1, 2.)

Jerusalém não foi escolhida por Davi, mas pelo próprio Deus. (Lede: Sal. 132:13, 14; 146:10.)

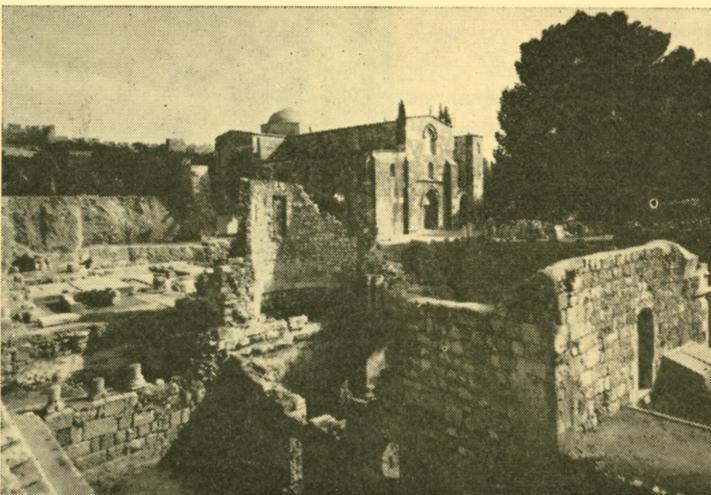
### **Sião, o Redil para o Rebanho de Deus**

Sião estava destinada a ser a capital do mundo: "Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos". Isa. 2:2.

Mas não seria meramente uma capital política, mas o centro religioso do mundo, onde Deus Se agradaria de manifestar ao mundo Sua presença.

"E virão muitos povos, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os Seus caminhos, e andemos pelas Suas veredas. Porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor". Isa. 2:3.

Jerusalém, ou Sião, simboliza também a consagração dos fiéis ou a morada espiritual de todo o povo de Israel. Todo israelita fiel se considerava morador espiritual de Sião, mesmo que vivesse em terras distantes. (Ver Sal. 74:2.) Mas a mera relação genealógica com Israel não



**Jerusalém. Ruínas da Fonte de Betesda vendo-se ao fundo a Basílica de Santa Ana.**

dava direito a habitar no monte santo, cabendo tal direito somente ao justo. (Ver Sal. 15.) Pergunta Davi: "Quem habitará no Teu santo templo? Quem morará no Teu monte santo?" E a resposta é: "Aquele que anda em integridade e faz justiça, e fala a verdade em seu coração". Sal. 15:1, 2.

Depois do cativeiro babilônico Deus renova Suas promessas por meio de Zacarias, dizendo: "Voltarei para Sião, e habitarei no meio de Jerusalém; Jerusalém será chamada a cidade fiel, e o monte do Senhor dos Exércitos, monte santo". Zac. 8:3.

Sobre Sião resplandeceria o Senhor, e nela se veria a Sua glória, quando o mundo fosse inteiramente coberto pelas trevas do pecado. A ela iriam todas as nações fiéis dos gentios, levadas pela gloriosa luz do amor divino, que fortaleceria os seus muros e iluminaria a terra entenebrecida (Isa. 60:1-12). Mas os inimigos seriam severamente julgados por Deus (Joel 3:16-21). O mundo inteiro — israelitas e gentios — devia ser convidado a buscar ao Senhor em Sião, "porque Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos". Isa. 56:7.

Jerusalém estava destinada a ser o redil onde Deus finalmente reuniria o Seu rebanho disperso. Em Isa. 60:1-12 fala-se de multidões que viriam de longe. Deus haveria de ser glorificado por Seus filhos fiéis que de todo o mundo correriam para Sião.

Contudo, como já vimos ao anunciar o terceiro princípio de interpretação profética, a rebelião desta cidade privilegiada, sua recusa em receber o Filho de Deus e a perseguição que moveu aos seguidores do Mestre, deram lugar a sua definitiva rejeição por parte de Deus. As profecias relativas a Jerusalém e Israel, cumprem-se agora na igreja com nenhuma relação de situação geográfica e etnográfica para com o povo de Deus de outrora, isto é, os que habitavam a Palestina.

Referindo-se aos dias em que ainda restava esperança para Jerusalém, quando o Filho de Deus ainda não havia sido recusado definitivamente, o Novo Testamento aplica à Jerusalém literal as maravilhosas promessas feitas no Antigo Testamento. Exemplo disto é a profecia de Zacarias 9:9: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí vem o teu rei, justo e salvador, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta", que é atribuída à Jerusalém literal em S. Mat. 21:5, e em S. João 12:12-15. Isto ocorria em domingo.

Mas no dia seguinte, a segunda-feira da semana da paixão, Cristo apresentou na parábola

dos lavradores malvados o triste destino de Jerusalém, como uma posterior apelação à cidade impenitente. A involuntária exclamação de pavor que escapou dos lábios do povo e de seus dirigentes: "Tal não aconteça" (S. Luc. 20:16), mostra que as palavras de Jesus haviam sido cabalmente entendidas.

Contudo, cegados por Satanás em seu ódio para com Cristo, crucificaram o Mestre e permitiram se pusesse um cartaz na cruz com os dizeres: "Rei dos judeus", mostrando com isto que a fim de se livrarem do Santo e Justo, estavam dispostos até a sacrificar sua existência nacional. (Ver *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 694, 695.)

Daí em diante a igreja passa a ser a depositária dos privilégios e responsabilidades antigamente atribuídos a Jerusalém, Sião, Cidade Santa, etc., para referir-se ao povo de Deus, porém com um sentido puramente espiritual, sem conotações geográficas ou etnológicas. (Ver Gál. 6:15, 16.) Os gentios são juntamente herdeiros com os israelitas por meio de Cristo (Efés. 3:5, 6). Na realidade eles sempre estiveram compreendidos nas promessas de bênçãos feitas a Abraão, mas agora eram herdeiros em pé de igualdade, não precisando fazer-se judeus nem circuncidar-se para ser salvos ou ter acesso ao templo de Deus. O monte de Sião é agora a igreja, a "morada de Deus em Espírito". Efés. 2:22.

O monte de Sião literal, a Jerusalém atual, cheia de ódios e sangue, e os judeus que hoje ocupam parte da Palestina, nada têm a ver como nação com as promessas do pacto. Não são o povo, nem a terra do pacto, de modo que, como nação, estão excluídos das profecias referentes ao verdadeiro povo do pacto.

Escreve a serva do Senhor: "Foram-me indicados então alguns que estão em grande erro de crer que é seu dever ir à antiga Jerusalém, entendendo que têm uma obra a fazer ali antes que o Senhor venha. (...) Vi que Satanás havia enganado sobremodo alguns neste ponto, e que as almas ao redor de todos eles neste país poderiam ser ajudadas por eles e levadas a guardar os mandamentos de Deus. (...) Vi também que a velha Jerusalém jamais seria reconstruída, e que Satanás estava fazendo o máximo para levar a mente dos filhos do Senhor para essas coisas agora, no tempo do ajuntamento, impedindo-os de dedicar todo o seu interesse à presente obra do Senhor, levando-os a assim negligenciarem a necessária preparação para o dia do Senhor". — *Primeiros Escritos*, pp. 75, 76. ●

# OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



Em outra secção ainda, do mesmo tratado, versando a “invocação dos santos”, Tyndale serve-se do mesmo raciocínio, acentuando que a doutrina de os santos falecidos estarem no Céu ainda não fora introduzida nos dias de Cristo:

E quando ele [More] afirma que os santos já estão no Céu, na glória com Cristo, dizendo: “Se Deus é seu Deus, eles estão no Céu, pois Ele não é Deus dos mortos”, ele aqui nega o argumento de Cristo, com o qual Ele prova a ressurreição: que Abraão e todos os santos haviam de ressuscitar, e não que suas almas estejam no Céu — doutrina esta que não existia ainda no mundo. E com essa doutrina ele remove perfeitamente a ressurreição, tornando de nenhum efeito o argumento de Cristo. — *Id.*, p. 118.

Tyndale avança ainda mais o seu ponto, mostrando o conflito entre os ensinamentos do Papa e os de S. Paulo, dizendo, de modo um tanto sarcástico:

“Não, Paulo, tu és iletrado; vai ter com mestre More, e aprende novo ensino. Nós não somos os mais miseráveis, mesmo que não ressuscitemos; pois nossa alma vai para o Céu assim que morramos, e lá se encontra em grande alegria, como foi o caso quando Cristo ressurgiu”. E maravilho-me de que Paulo não tivesse confortado os tessalonicenses com a doutrina, se ele a conhecesse, de que a alma dos seus mortos estava jubilosa; como ele fez com a ressurreição, dizendo que seus mortos ressurgiriam. Se as almas estão no Céu, em glória tão grande como a que fruem os anjos, segundo vossa doutrina, mostrai-me então que será da ressurreição? — *Ibd.*

JOHN FRITH (1503-33), companheiro de Tyndale e co-mártir seu.

*A Disputacyon of Purgatorie... divided into three Bokes*, c. 1530.

*An Answer to John Fisher, Bishop of Rochester.*

Não obstante, concedamos-lhe que alguns estejam já no inferno e outros no Céu — coisa que ele jamais terá condições de provar pelas Escrituras, sim, e que simplesmente destrói a ressurreição, e derruba o argumento com o qual Cristo e Paulo provam que ressuscitaremos; (...) e, no tocante à questão do lugar em que repou-

sam, sou ousado bastante para dizer que estão nas mãos de Deus. — *An Answer to John Fisher.*

GEORGE WISHART (1500-1546), doutor grego, amigo de Látimer, tutor de John Knox, e mártir.

Wishart foi acusado de atacar a confissão auricular, a transubstanciação, a extrema-unção, água benta, invocação dos santos (que de qualquer maneira não ouviam as súplicas), e o purgatório. A acusação “XVI” era por *propagar a doutrina do sono da alma.*

Acusação “XVI”: Tu, falso herege, pregaste abertamente que a alma do homem dorme até ao último dia, do juízo, e não alcança a vida imortal senão nesse dia. — Blackburne, *Historical View*, p. 21.

## “Batistas Gerais”

Em seus *Institutes of Ecclesiastical History*, o chanceler da Universidade de Goettingen, Johann L. von Mosheim, recorda que os “Batistas Gerais” se espalharam em grande número através de muitas das províncias da Inglaterra (Murdoch tr., livro IV, cent. XVI, sec. III, pt. 2, cap. III, par. 23). Como um dos artigos de fé, mantinham que “a alma, entre a morte e a ressurreição, no último dia, não tem prazer nem dor, mas acha-se num estado de insensibilidade”. — *Ibd.*

Por outro lado, Calvino, profundamente perturbado com a propagação desse ensino em vários países, em 1534 escreveu um folheto militante, *Psychopannychia* (Sono da Alma). Foi publicado para refutar o ensino de que “a alma morre ou dorme”, e afirmava que esse conceito “já atraíra milhares” para sua aceitação.

O Dr. Joseph Priestley, depois de observar

que muitos dos primeiros reformadores sustentavam o “sono da alma”, declarou:

Não fosse a autoridade de Calvino, que escreveu expressamente contra isso [o sono da alma], a doutrina de um estado intermediário consciente teria, com toda a probabilidade, ruído por terra como a própria doutrina do purgatório. — *Corruptions of Christianity*, em *Works* (1818), vol. 5, p. 229.

### Décimo Sétimo Século

“R. O. [Richard (ou Robert) Overton], douto, soldado e panfletário. *Man's Mortality*, 1614.

O frontispício diz:

Tratado em que se prova, teológica e filosoficamente, que, como o homem todo pecou, assim o homem todo morreu; contrariamente à distinção comum de Alma e Corpo; e que o presente ir da Alma para o Céu ou o inferno, é mera Ficção: e que, na Ressurreição começa nossa imortalidade; e então a verdadeira Condenação e Salvação, e não antes.

SAMUEL RICHARDSON (1633-1658), pastor da Primeira Igreja Batista Particular, de Londres.

*A Discourse on the Torments of Hell: the Foundations and Pillars there of discover'd, search'd, shaken, and remov'd. With Infallible Proofs that there is not to be a Punishment after this Life, for any to endure that shall never end*, 1658. (Discurso sobre os tormentos do inferno: seus fundamentos e colunas descobertos, pesquisados, abalados e removidos. Com provas infalíveis de que não haverá punição sem fim depois desta vida, para ser suportada por quem quer que seja).

JOHN MILTON (1608-1674), “O maior dos poetas sacros”; secretário latino de Cromwell.

*Treatise of Christian Doctrine*, vol. 1, cap. 13

(Ensinava o sono totalmente inconsciente do homem na morte, até à vinda de Cristo e a ressurreição).

Visto, pois, que o homem todo, como se diz consiste uniformemente de corpo e alma (quaisquer que sejam os distintos campos atribuídos a essas divisões), mostrarei que, na morte, primeiro o homem todo, e depois cada parte componente sofre a privação da vida. (...) A sepultura é a comum custódia de todos, até o dia do juízo. — Cap. 13.

GEORGE WITHER (1588-1667). “O Poeta Cristão”, tradução inglesa de *Nemesius, Bispo de Emesa*, 1636.

(Defende a imortalidade condicional; na morte a alma dorme).

JOHN JACKSON (1686-1763), reitor de Rossington.

*A Dissertation on Matter and Spirit*, 1735.

*The Belief of a Future State*, 1745.

*A Clear Distinction Between True and False Religion*, 1750.

(Refuta e condena a doutrina do tormento eterno).

JOHN CANNE (1590-1667), impressor da obra de R. Overton; pastor da Igreja Batista Broadmead, Bristol.

*Reference Bible*, 1682.

(Mantinha essencialmente as mesmas idéias de R. Overton).

ARCEBISPO JOHN TILLOTSON (1630-1694), da Cantuária.

*Works*, 1683.

Não encontro a doutrina da imortalidade da alma apresentada expressamente em qualquer parte da Escritura, mas é aceita como assentada. — *Works*, ed. 1717, vol. 1, p. 749.

DR. ISAAC BARROW (1630-1677), professor de grego, Universidade de Cambridge.

*Duration of Future Punishment*, em *Works*.

(Afirmava que a vida eterna é condicional; cria na destruição final dos ímpios).

### Século Dezoito

DR. WILLIAM COWARD (1657-1725), médico, Londres.

*A Survey of the Search After Souls* (Estudo Sobre a Questão Anímica).

*Second Thoughts Concerning the Human Soul* (Pensamentos Complementares Sobre a Alma Humana), demonstrando que a noção de alma humana, segundo a crença de ser uma substância imortal, unida ao corpo humano, é simples invenção pagã, e não de acordo com os princípios da Filosofia, Razão ou Religião, 1702.

*Further Thoughts Concerning the Human Soul* (Novas Idéias Acerca da Alma Humana), 1703.

HENRY LAYTON (1670-1706), anglicano, autor de doze livros sobre o condicionalismo.

*Arguments and Replies* (Argumentos e Respostas), num debate acerca da natureza da alma, 1703.

*A Search After Souls* (Em Busca de Almas), 1706.

(Sustenta que, durante a vida, vivemos e nos movemos em Cristo; e ao morrer nEle descansamos e dormimos, aguardando a ressurreição, na Sua segunda vinda.)

JOSEPH NICOL SCOTT, médico (1703-1769), ministro, auxiliar do pai, Tomás Scott.

*Sermons Preached in Defence of All Religion* (Sermões Pregados em Defesa de Toda a Religião), 1743.

(Sustenta, no Vol. 2, sermões 17 e 18, que a vida só se destina aos justos, e que os ímpios serão destruídos.)

DR. JOSEPH PRIESTLEY (1733-1804), unitariano, cientista e filósofo.

*Disquisitions Relating to Matter and Spirit* (Estudos Sobre Matéria e Espírito), em *Works* (Obras), Vol. 3.

*The History of Opinion Concerning the State of the Dead* (História das Opiniões Acerca do Estado dos Mortos).

(O estado da alma na morte é de completa insensibilidade, tão morta como o próprio corpo, enquanto continua no estado de morto.)

BISPO EDMUNDO LAW (1703-1787), lente do Colégio de S. Pedro, arcebispo de Staffordshire, bispo de Carlisle.

*Considerations on . . . the Theory of Religion* (Considerações Sobre . . . a Teoria da Religião), 1749.

*The State of the Dead* (O Estado dos Mortos), 1765 (Apêndice ao anterior).

(Desafia a doutrina do estado intermediário consciente; mantém que a morte é um sono, uma negação de toda a vida, pensamento ou ação — estado de repouso, silêncio, esquecimento.)

PETER PECARD (cerca de 1718-1797), lente do Colégio Madalena, Cambridge, deão de Peterborough.

*Observations on the Doctrine of an Intermediate, Between Death and the Resurrection* (Observações Sobre a Doutrina de um Estado Intermediário entre a Morte e a Ressurreição), 1756.

(A imortalidade não é inata, mas é um dom por meio de Cristo.)

ARCEDIAGO FRANCIS BLACKBURNE (1705-1787), de Cleveland; reitor de Richmond.

*A Short Historical View of the Controversy Concerning the Intermediate State* (Breve Parecer Histórico Sobre a Controvérsia Relativa ao Estado Intermediário), 1765.

(Histórico muito completo do tema no século dezoito.)

BISPO WILLIAM WARBURTON (1698-1779), de Glócester, controversialista teológico.

*Divine Legation of Moses* (Moisés, Emissário Divino), 1738-1741.

(Chama aos crentes militantes no tormento eterno de “doutores sem misericórdia”.)

SAMUEL BOURN (1714-1796), dissidente, Rivington, Lancashire.

*Christian Doctrine of Future Punishment* (Doutrina Cristã do Castigo Futuro), 1759.

(Acentua a “destruição total, ou aniquilamento ou cessação da existência” para os ímpios incorrigíveis.)

DR. WILLIAM WHISTON (1667-1752), teólogo batista, professor de Matemática da Universidade de Cambridge.

*The Eternity of Hell-Torments Considered* (Consideração da Eternidade do Tormento do Inferno), 1740.

(Nega a doutrina do tormento eterno; sustenta que os ímpios serão destruídos totalmente.)

DR. JOHN TOTTIE (depois de 1772), cônego da Igreja de Cristo, Oxford; arcebispo de Worcester.

*Sermons Preached Before University of Oxford* (Sermões Pregados na Universidade de Oxford), 1775.

(Opõe-se à doutrina da imortalidade natural da alma.)

PROF. HENRY DODWELL (1641-1711), lente de Oxford, chamado “o erudito Dodwell”.

*Letter Concerning the Immortality of the Soul* (Carta Acerca da Imortalidade da Alma), 1703.

*The Natural Mortality of Human Souls* (Mortalidade Natural das Almas Humanas), 1708.

*An Epistolary Discourse, Proving from the Scriptures and the First Fathers, That the Soul is a Principle Naturally Mortal; but Immortalized Actually by the Pleasure of God* (Discurso Epistolar, provando que a alma é um princípio naturalmente mortal, mas imortalizado realmente pela vontade de Deus), 1706.

## Século Dezenove

BISPO TIMÓTEO KENDRICK, anglicano.  
*Sermons*, 1805.

(A alma do homem morre com o corpo, e é restaurada à vida na ressurreição e segundo advento.)

DR. WILLIAM THOMSON (1819-1890), arcebispo de York.

*The Thought of Death* (O Pensamento da Morte), Conferência de Bampton, 1862.

A vida para os ímpios deve ser o princípio da destruição, visto como unicamente Deus e aquilo que Lhe agrada podem existir permanentemente.

DR. EDUARDO WHITE (1819-1887), congregacionista, pastor da capela de S. Paulo; presidente da União Congregacionista. Por mais de 40 anos principal defensor da imortalidade condicional.

*Life in Christ* (Vida em Cristo), 1846.

*That Unknown Country* (Aquele País Desconhecido), simpósio.

*Immortality, a Clerical Symposium* (Imortalidade, Simpósio de Clérigos).

Em 1883 ele declarou:

Eu mantenho firmemente, depois de quarenta anos de estudo do assunto, que é a noção da aplicação de um tormento absolutamente eterno no corpo e na alma, que unicamente concede terreno as idéias de Ingersoll na América, ou de Bradlaugh na Inglaterra. Creio, mais firmemente do que nunca, que é uma doutrina tão contrária a todos os ensinamentos da Bíblia como é contrária a todo instinto moral da humanidade. — Introdução a *The Unspeakable Gift* (O Dom Inefável) de J. H. Pettingell (1884), p. 22.

No ano seguinte acrescentou ele:

O Antigo Testamento é todo ele acorde com a crença da vida eterna dos servos de Deus, e da destruição eterna dos ímpios. E é acorde, quando tomado em seu sentido simples. (...)

Os Evangelhos e as Espístolas, com igual tenacidade, aderem quase uniformemente à linguagem com respeito à condenação dos perdidos que, tomada em seu sentido simples, ensina, como faz o Antigo Testamento, que eles hão de morrer, perecer, ser destruídos, não ver a vida, mas sofrer a destruição, eterna destruição, "destruição", diz Cristo, "de corpo e alma na Geena". — *Homilectic Monthly* (Inglaterra), março de 1885.

DR. JOÃO THOMAS (1805-1871), editor de *Apostolic Advocate*; fundador dos Cristadelfianos.

(Extinção final dos ímpios; a imortalidade é um dom, mediante Cristo.)

H. H. DOBNEY (1809-1883), pastor batista em Maidstone, Inglaterra.

*Notes of Lectures on Future Punishment* (No-

tas de Conferências Sobre a Punição Futura), 1844.

ARCEBISPO RICARDO WHATELY (1787-1863), de Dublin; lente e diretor de Oxford.

*A View of the Scriptural Revelations Concerning a Future State* (Parecer Sobre as Revelações Escriturísticas Acerca do Estado Futuro).

(Não há nenhuma referência aos ímpios como permanecendo com vida, mas sim como perdendo a vida. Ensinou sua destruição final.)

DEÃO HENRY ALFORD (1810-1871), de Cantuária, exegeta.

*Novo Testamento Grego*.

(Fixidez e duração eternas só pertencem aos que estão de acordo com Deus.)

JAMES PANTON HAM, ministro congregacionista, Bristol.

*Life and Death; or, The Theology of the Bible in Relation to Human Mortality* (Vida e Morte; ou, A Teologia da Bíblia em Relação à Mortalidade Humana), 1849.

CHARLES F. HUDSON (1821-1867), ministro congregacionista e douto grego.

*Debt and Grace as Related to the Doctrine of a Future Life* (Dívida e Graça Relacionadas à Doutrina de uma Vida Futura), 1857.

*Christ Our Life. The Scriptural Argument for Immortality Through Christ Alone* (Cristo Nossa Vida. Argumento Escriturístico em Favor da Imortalidade Mediante Cristo Somente), 1860.

DR. ROBERT W. DALE (1829-1895), pastor congregacionista da igreja de Carr's Lane, Birmingham; editor do *The Congregationalist*; presidente da União Congregacional de Inglaterra e Gales; e presidente do Primeiro Concílio Internacional de Igrejas Congregacionais em 1891. Anunciou haver aceito o condicionalismo, num trabalho apresentado perante a União Congregacional de 1874.

A vida eterna, segundo creio, é a herança dos que estão em Cristo. Os que não estão nEle morrerão a *Segunda Morte*, da qual não haverá ressurreição. (...)

Não estou convencido de que elas [as afirmações do Condionalismo] tenham enfraquecido absolutamente a autoridade de meus ensinamentos de quaisquer das grandes doutrinas centrais da fé cristã. A doutrina da Trindade permanece intocada; e a doutrina da encarnação, e a doutrina da expiação em seu sentido evangélico, e a doutrina da justificação pela fé, e a doutrina do juízo segundo as obras, e a doutrina da regeneração receberam, creio, dessas conclusões, uma ilustração nova e mais intensa. — Registrado em *Edward White, His Life and Work*, de Freer (1902), pp. 354 e 355.

DEÃO FREDERICK W. FARRAR (1831-1903), cônego da Abadia de Westminster; deão de Cantuária.

*Eternal Hope* (Esperança Eterna), 1877.

*Faith and Mercy* (Fé e Misericórdia).

*Mercy and Judgment* (Misericórdia e Juízo), 1881.

(Denuncia o dogma do sofrimento intermimo, consciente; não pôde encontrar em toda a Escritura, um só texto que, devidamente interpretado, ensine as idéias comuns acerca do tormento eterno).

HERMANN OLSHAUSEN (1796-1839), lente de Teologia em Königsberg.

*Biblical Commentary on the New Testament* (Comentário Bíblico do Novo Testamento), Vol. 4, 1860.

A doutrina da imortalidade da alma e o nome são igualmente desconhecidos na Bíblia. — *Biblical Commentary on the New Testament* (1860), vol. 4, p. 381.

CÓNEGO HENRY CONSTABLE (falecido em 1894), prebendário de Cork, Irlanda.

*Hades: or the Intermediate State of Man.*

*Restitution of All Things* (Restituição de Todas as Coisas).

*The Duration and Nature of Future Punishment* (Duração e Natureza da Punição Eterna).

(A imortalidade da alma, e o nome, são ambos desconhecidos em toda a Bíblia.)

WILLIAM E. GLADSTONE (1809-1898), primeiro ministro britânico e teólogo.

*Studies Subsidiary to the Works of Bishop Butler* (Estudos Subsidiários às Obras do Bispo Butler), edição de 1896.

Numa minuciosa crítica à *Analogia* do bispo Butler e sua defesa da imortalidade inata, Gladstone afirmava:

[É unicamente] depois do tempo de Orígenes que devemos considerar que a idéia da imortalidade natural, oposta à idéia cristã, começou a firmar pé na Igreja Cristã. — *Studies Subsidiary to the Works of Bishop Butler* (ed. de 1896), p. 184.

A doutrina da imortalidade natural, diferente da doutrina cristã, não fora sujeita aos testes mais severos da vasta publicidade e resoluta controvérsia, mas se insinuara na igreja, por assim dizer pela porta dos fundos; por um processo silencioso embora eficaz; e estava a caminho de obter um título por prescrição tácita. — *Id.*, p. 195.

Outra consideração de maior importância é a de que a imortalidade natural da alma é doutrina inteiramente desconhecida às Escrituras Sagradas, e não assenta em bases mais elevadas do que as de uma opinião filosófica mantida engenhosamente, mas grave e formidavelmente contestada. — *Id.*, p. 197.

O caráter do Todo-poderoso é apresentado como sujeito a acusações que não podem ser repelidas enquanto permanecer a idéia de que, por ordem Sua, possa haver tal coisa como um castigo intermimo, mas que tenha sido

suficientemente reivindicado à barra do juízo humano, logo que se tenha concluído que o castigo, qualquer que seja, não pode ser intermimo. — *Id.*, p. 241.

JOSEPH PARKER (1830-1902), pastor congregacionalista de City Temple, Londres.

*People's Bible* (Bíblia do Povo), Vol. 1, sobre Gênesis.

Gloriosa para mim é a idéia (tão semelhante a tudo que conhecemos da bondade divina), de perguntar ao homem se ele aceitará a vida e o ser semelhante a Deus, ou se prefere a morte e as trevas eternas. Deus não diz ao homem: "Eu te farei imortal e indestrutível, quer queiras quer não; há de viver para sempre". Não; Ele o torna capaz de viver; constitui-o com vistas à imortalidade; insiste, roga, implora-lhe que realize este grande propósito, assegurando-lhe, com infinita compaixão que Ele não tem prazer na morte do pecador, mas deseja que ele VIVA. Doutrina esta que, a meu ver, simplifica e glorifica a história humana tal qual é referida na Bíblia. A vida e a morte não são postas perante nenhuma *besta*; mas a vida e a morte são distintamente postas perante o *homem*: ele pode viver, foi feito para viver, é solicitado a viver; todo o plano da Providência e da redenção é disposto de sorte a ajudá-lo a viver. Por que, então, quereis morrer? — *The People's Bible*, Vol. 1, p. 126.

## CIDADES AINDA NÃO ...

(Continuação da p. 3)

seu vizinho, o obreiro a seu colega, o escravo a outro escravo, o servo a seu patrão, a história de sua conversão, como um marinheiro conta a história de sua salvação de um naufrágio". — *History of the Church*, Vol. 1, p. 21.

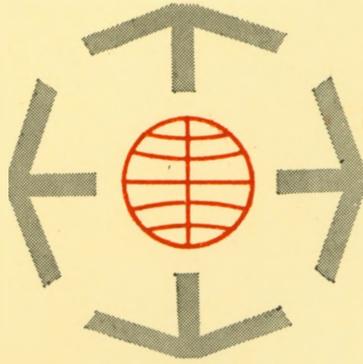
Jesus disse a Seus discípulos: "Seréis dispersos" "por causa do Meu nome". (S. João 16:32.) Esse era um plano de Deus, e continua sendo. Não vamos esperar os momentos difíceis, mas vamos entrar agora nas áreas novas, mediante o simples recurso da dispersão de membros fiéis e bem instruídos. Ajudemos a acabar com a "aglomeração" em nossas igrejas, com o que fortaleceremos os irmãos como se fortalece a árvore com rarear o bosque.

Permita-se-nos parafrasear o pensamento de Isa. 54:2, 3, e apresentá-lo assim:

"Amplia a influência de tuas igrejas e de teus planos missionários. Não penses em coisas pequenas; estende-te mais e confirma o que tens alcançado. Porque crescerás a tua mão direita e a tua esquerda, e entrarás em novos campos, e conquistarás para Cristo as cidades hoje afundadas em pecado". — Rubén Pereyra. ●

\* Pelos fins do século terceiro e começo do quarto, havia no Império ao redor de 10.000.000 de cristãos. Crisóstomo dizia que a metade da população de Antioquia, estimada em 200.000 habitantes, era composta de cristãos em seus dias (ano 300). — *History of the Church*. Vol. 1, pp. 22, 23.

# NOTAS



# BREVES

## Diálogo Ecumênico

Realizou-se em Roma, nos dias 8-12 de janeiro, o segundo da atual série de encontros para o diálogo bilateral evangélico luterano-católico romano, convocado pela federação luterana mundial e pelo Secretariado para a União dos Cristãos. O presente encontro teve como finalidade estudar as áreas que foram abertas pela "Relação de Malta", documento editado em 1971. O documento apontava a necessidade de investigação ulterior por parte das duas igrejas, das diferentes maneiras como os respectivos ministérios estão atualmente organizados, bem como de que maneira as igrejas envolvidas compreendem e celebram a eucaristia. (CEI, fev. 74).

## Bispo Defende Reforma Agrária

Na reunião da primeira Assembléia dos Bispos do Nordeste, na igreja de Santo Antônio, em S. Luís, Maranhão, Dom Antônio Fragozo defendeu uma "reforma agrária na qual os lavradores sejam agentes e sujeitos, e não apenas beneficiários e objetos. A luta — dentro da justiça — para lavradores merece a atenção prioritária dos que amam o povo do campo e acreditam em sua dignidade humana. Entende o bispo que "uma igreja que por omissão silencia ante a opressão dos lavradores está traíndo o evangelho". (O Estado de São Paulo, 13-1-74.)

## Cinema a Serviço da Igreja e do Povo

Há pouco tempo os distritos eclesiais do Espírito Santo da igreja evangélica de confissão luterana no Brasil têm a sua disposição um cine-carro, com o lema: "Cine-Carro" a serviço do povo capixaba, e cujo objetivo é servir ao pequeno agricultor com informações e conscientização em favor do melhoramento do seu nível de vida.

O carro que serve ao povo capixaba em geral, sem discriminação denominacional, é mantido pelas comunidades evangélicas locais. Conforme informações recebidas, o projeto financiado pelo Martin Luther Verein da Baviera, Alemanha Ocidental, tornou-se um sucesso. (CEI, fev. 74.)

## Enciclopédia de Profecia Bíblica

A Bíblia faz predições sobre 737 assuntos diferentes, segundo a p. 754 da Encyclopedia of Biblical Prophecy, aqui publicada (em Nova Iorque). Refletindo vinte anos de pesquisa, o volume foi preparado pelo Dr. J. Barton Payne, professor do seminário de St. Louis. Discute 8.352 versos "prenunciativos" do Velho e do Novo Testamentos. (The Ministry, fevereiro de 1974.)

## Lei Sobre o Cigarro no Arizona

Áreas para fumantes e para não fumantes em lugares públicos como restaurantes, por exemplo, espera-se que se tornem cada vez mais comuns no Arizona, desde a promulgação de uma lei sobre fumar em público. Sob a nova lei, o cigarro está banido em elevadores, teatros, bibliotecas, museus de arte, salas de concerto e veículos de transporte coletivo — exceto onde haja áreas reservadas para fumantes. (The Ministry, fevereiro de 1974.)

## Juventude Mórmon Adverte Contra "Nova Moralidade"

Os jovens mórmons têm recebido apelos para que façam uma triagem em seus álbuns de discos e erradiquem os discos que pertencem "à nova moralidade, às drogas e à cultura de música inadequada".

"Tais músicas não pertencem a jovens preocupados com o desenvolvimento espiritual", disse Boyd K. Packer, do Corpo dos Doze Apóstolos da igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons). Ele afirmou na 143.ª Conferência Geral Semi-Anual em Salt Lake City, que "em nossos dias como nunca dantes, a música se tem corrompido. A música pode, pelo tempo, cadência e intensidade, embotar a sensibilidade espiritual do homem". (The Ministry, janeiro de 1974.)

# Evangelismo Unido



## Atividades de Julho — Agosto

### REAVIVAMENTO

Semana MV 13-20 de julho (Departamento MV).

Visitação igrejas 11 de agosto (Mordomia).

### INSTRUÇÃO

Reuniões especiais nas quartas-feiras e sextas-feiras, a partir de 24 de julho, com instruções especiais para a campanha de evangelização de agosto, setembro e outubro (Departamento Atividades Leigas).

### AÇÃO

Grande campanha de evangelização pública, que será iniciada no sábado 17 de agosto, (Associação Ministerial).

**SIM, VOCÊ PODE E DEVE  
PARTICIPAR**

**Poderá assim participar das  
alegrias da Colheita!**

**1974, É HORA DE COLHER!**

## 0 MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Sto. André, São Paulo.

Ano 40 Julho-Agosto 1974 N.º 4

DIRETOR —  
RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL —  
BERNARDO E. SCHÜNEMANN

REDATOR —  
CARLOS A. TRÉZZA

COLABORADORES —  
R. A. WILCOX, ENOQUE DE OLIVEIRA

DEPTO. DE ARTE —  
HENRIQUE C. KAERCHER

Assinatura Anual . . . . . US\$ 3,00  
Número Avulso . . . . . US\$ 0,50

### NESTE NÚMERO

<b>De Coração a Coração:</b>	
Cidades Ainda Não Evangelizadas . . . . .	2
<b>Evangelismo:</b>	
A Semeadura do Evangelho — Um Desafio . . . . .	4
<b>Pastoral:</b>	
Muito Bem, Você É um Pregador — Amador ou Profissional? . . . . .	6
Persistir Evangelizando Após o Batismo . . . . .	8
<b>Artigos Gerais:</b>	
A Palavra de Deus . . . . .	11
Estudo das Profecias Relativas ao Fim . . . . .	14
Perguntas Sobre Doutrina . . . . .	18
Notas Breves . . . . .	23